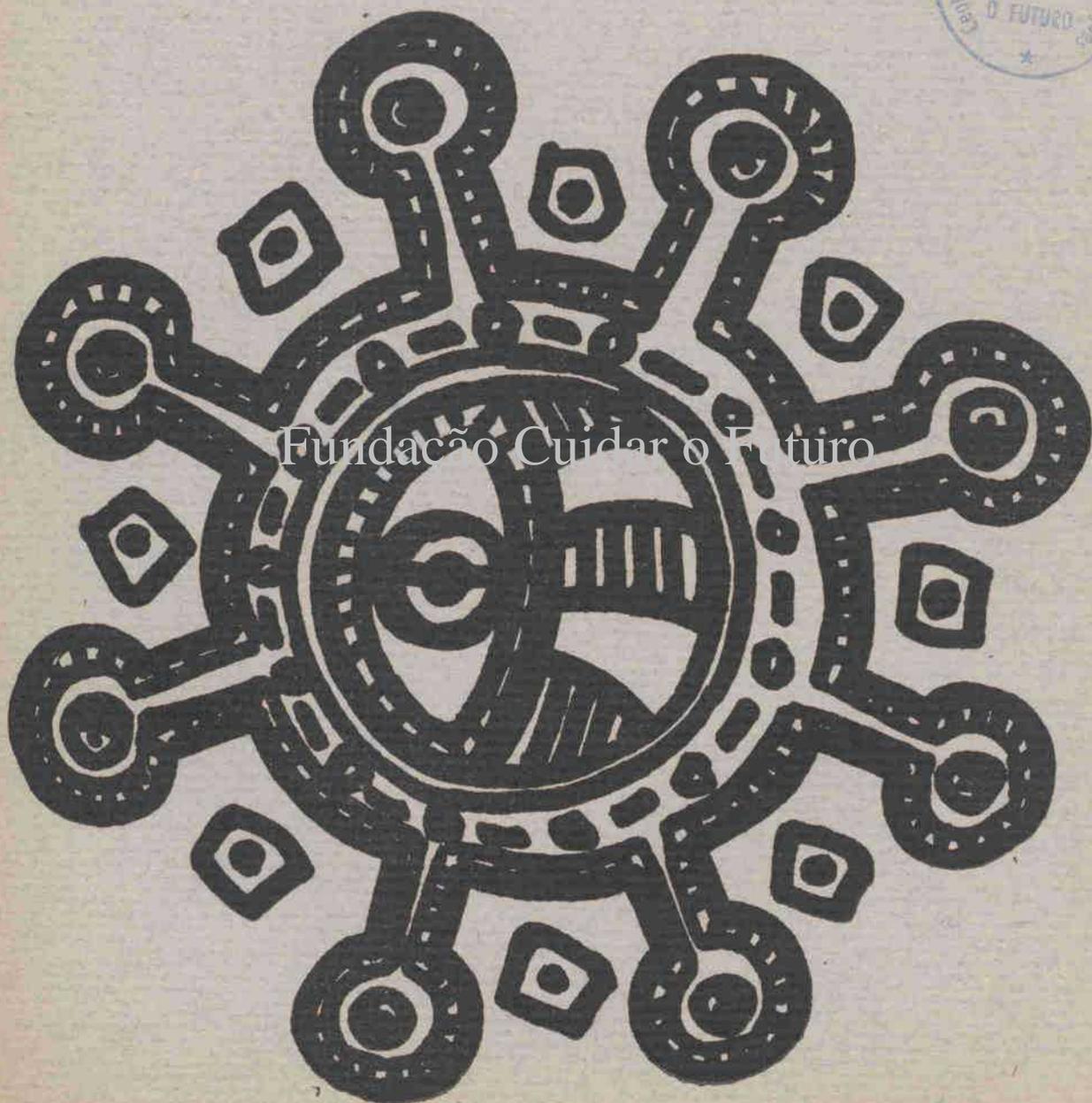


presença



Fundação Cuidar o Futuro





presença

JULHO DE 1958

Redacção: Av. Duque de Loulé, 90, r/c.D.

FILIADA NA PAX ROMANA

EDITADA PELA J. U. C. F.

sumário

editorial

Bispo de Tiava

nota litúrgica

Maria Cecília da Costa Lima

som

M. A. G.

mudança de óptica

a propósito da passada campanha eleitoral

algumas notas sobre um problema grave — a emigração - M. L.

ensaio — considerações sobre o ritmo

M. Inácia de Brito e Cunha

da expressão artística

Maria Flávia de Monsaraz

Juan Ramon Jimenez

Maria Isabel de Mendonça Soares

ver para pensar

E. F.

página de antologia

suspensão das explosões nucleares

F. A.

à maneira de antelóquio...

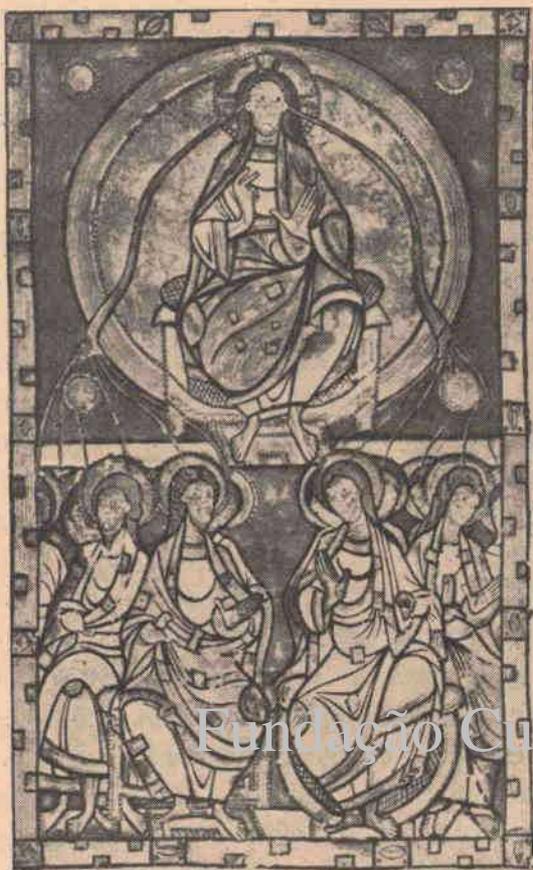
Pede-me a Redacção de «Presença» algumas palavras para este número dedicado especialmente aos problemas da Emigração. Apesar das mil e uma solicitações que, neste findar de ano, me trazem o espírito repartido, não posso negar-me a satisfazer este pedido que, com tanta insistência, me foi feito, até porque, além do interesse que o assunto «ex officio» me vem merecendo, devo uma palavra de aplauso e de agradecimento às raparigas da J.U.C.F. que, assim, mostram compreender a gravidade de um problema que tem sido objecto do carinho e solicitude maternas da Santa Sé e de cuja solução depende, hoje como outrora, a extensão e consolidação do reino de Deus.

Não compreende integralmente o alcance da emigração quem vê na deslocação dos povos apenas uma resultante de pressões económicas, sociais ou políticas, e no emigrante uma «máquina» de produção de riqueza material ou de aquisição de divisas. O núcleo do problema situa-se, respectivamente, sob os aspectos filosóficos e teológico-histórico, na existência da dignidade da pessoa humana e na transcendente vocação cristã — filiação divina e fraternidade em Cristo — com todos os corolários que levam a considerar tudo o mais numa função de serviço.

Dispenso-me de desenvolver estes princípios e de os aplicar concretamente. Confio esta missão à «Presença» e permito-me lembrar, como campo de aplicação prática, a ida de universitárias portuguesas a países estrangeiros, durante as férias, para aperfeiçoamento de línguas ou para mais longos estágios. É este um sector da emigração que se reveste de muitos perigos morais e que requer, portanto, uma preparação cuidada. Todo o esforço que a J.U.C.F. possa fazer neste sentido será excelente apostolado.

† JOSÉ PEDRO,
Bispo de Tiava





O sacrifício de Cristo restabeleceu o contacto entre o Homem e Deus. Mas a Encarnação devia preparar a vinda do Espírito Santo a que Cristo, durante a Sua vida, continuamente se refere. Cristo veio fundar a Igreja do Pai; mas, só com o Pentecostes — Deus dando-se pessoal e completamente com todos os dons da Sua graça — é que a Igreja aparece em todo o esplendor da Sua glória, aos olhos do mundo. O Pai e o Filho enviaram o Espírito Santificador, procedente de ambos, à Igreja e aos Cristãos, para que fosse, por assim dizer, a Sua alma.

É com a força e o entusiasmo que ganham, quando o Paráclito pousa sobre eles, que os apóstolos se lançam a pregar, a baptizar, a partir o pão, a perdoar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E é, desde esse dia, a Igreja toda, sempre crescente, que segue, passo a passo, a história do Mestre — com todas as perseguições, todos os ataques e até as fraquezas dos seus membros — triunfando no Céu, expiando no Purgatório, lutando e merecendo na terra.

Também a nossa vida sobrenatural procede do Espiri-

nota
litúrgica



to Santo. Pelo Baptismo ficamos participantes do sacerdócio de Cristo e possuídos do Espírito Santo; na confirmação, verdadeiro sacramento do Paráclito, Ele renova-nos com os Seus dons e graças, aumentando a nossa força e coragem, ajudando-nos a criar uma alma ardente, conquistadora, convertendo a nossa frágil humanidade em poderosa milícia. Só, na medida em que o Espírito Santo habitar em nós, estaremos unidos a Cristo, como os Apóstolos, e, com eles, levaremos a mensagem de Jesus «até à extremidade da terra», deixando-nos agir pelo mesmo Espírito. Ele «tudo penetra», mesmo as profundezas de Deus». (1 Cor, XI, 10-11) Ele habita em nós e «a caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado» (Rom, V, 5). E Ele é sempre o mesmo, embora opere diversidade de graças: «os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor; as operações são diversas, mas o mesmo Deus é o que opera tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito para utilidade comum; assim, a um é dada pelo Espírito a linguagem da Ciência, segundo o mesmo Espírito; a outros, o da Fé pelo mesmo Espírito; a outro, o dom das curas pelo mesmo Espírito; a outro, o discernimento dos Espíritos; a outro, a variedade de línguas, a outro a interpretação das palavras. Mas todas estas coisas as opera um só e mesmo Espírito, repartindo a cada um como quer». Tudo isto é, pois, diversidade de manifestações do mesmo Espírito único, cada uma em cada um de nós, mas todas igualmente valiosas perante o Senhor, pois o Espírito de todas elas é só Ele.

É pelo Espírito Santo que a nossa união a Deus se realiza: «O que está unido ao Senhor é um só Espírito com Ele» (Cor, VI, 17). Cada um de nós, um só Espírito com o Senhor, somos todos um só Corpo n'Ele». Com efeito, num mesmo Espírito fomos batizados, para sermos um só corpo, quer sejamos judeus quer gentios, servos ou livres e todos temos bebido dum só Espírito». Mediante Ele é que temos acesso ao Pai, sendo com Ele um, por toda a eternidade.

O Espírito veio para cada um de nós, realizando em cada um a mesma transformação que os discípulos sofreram. Mas precisamos de estar preparados, como fizeram os apóstolos e a Virgem, pelo recolhimento e pela oração. Precisamos de criar, no silêncio com Deus, «espaço» interior, profundo e aberto, para que Ele venha coroar a nossa quota-parte na Redenção do Filho e que o Pai espera nós realizemos. Temos de pedir humildemente, insistentemente, mesmo que não possamos ouvir «o ruído dum vento impetuoso», nem vejamos «as línguas de fogo»: Vinde Espírito Santo!

Neste tempo litúrgico, o mais prolongado em todo o ciclo — a Igreja convida-nos a ser dóceis ao Espírito Santo e à renovação persistente e corajosa das nossas vidas, para que o Paráclito de Deus habite em nós e renove a face da terra.

MARIA CECÍLIA DA COSTA LIMA



V

Sempre há pessoas muito inteligentes! Por exemplo: esse chinês que «pôs» 5 sons seguidos e com eles fez uma escala. E depois, pegou no som um bocadinho mais agudo do que o primeiro da 1.^a escala, mas não tão agudo como o segundo, juntou-lhe, desta 2.^a escala, o som intermediário entre o n.º 2 e o n.º 3 da 1.^a escala. E ficou outra escala de 5 sons. A diferença entre cada dois sons seguidos, o n.º 1 e o n.º 2, etc. de cada escala, chamamos hoje um tom. A diferença entre o n.º 1 da 1.^a escala e o mesmo número da 2.^a, chamamos meio tom.

Isto o que se passava pela China.

E cá pelo Ocidente? Continuavam as danças, os cantos e os toques de instrumentos, nos templos, nos palácios, nos campos, nas guerras. (Recorde-se que o «Ocidente» dessa época era o «Próximo Oriente» de agora...).

As primeiras escalas que se organizaram foram também pentatónicas. E em tal campo, são os Gregos a dar o primeiro passo. Em vez de 2 escalas, como os Chineses, inventaram primeiro 4, logo depois mais 4. Claro que alguns sons eram comuns. Mas a «expressão» de cada grupo (ou de cada série) era diferente. E daí vinha uma grande riqueza de expressão. Que bela era já a música dos aedos do tempo de Homero! A melodia enriquecera-se. A voz torna-

ra-se mais delicada. Os instrumentos tinham-se aperfeiçoado (em vez da corda do arco, a lira dos aedos).

Como estamos longe do primeiro grito! Quantos milénios, desde o aparecimento do homem sobre a terra!

Com o desenvolvimento das outras artes, a música desenvolveu-se também. Entrou no teatro, que nascera havia pouco como forma de expressão «a se» e explicou a acção nos coros gregos; acompanhou a dança, que tinha incarnado o ideal de beleza clássico. Adquiriu novo vigor de orientação, quando uns matemáticos de Siracusa resolveram pegar nela para ver até onde é que a análise matemática podia ir nesse campo.

E (maravilha) sem o estudo desses sábios, talvez não fossem possíveis as grandes orquestrações modernas. Onde estariam nestes os instrumentos?

VI

A partir da descoberta dos módulos gregos e dos estudos teóricos dos matemáticos de Siracusa (relações entre os sons, vibração das cordas), caminhou-se devagar. Ruminavam-se as descobertas feitas e preparavam-se as grandes conquistas do futuro.

Em Roma, continuava a música grega (talvez complicada, mas enriquecida pelos maiores efeitos instrumentais do Médio-Oriente).

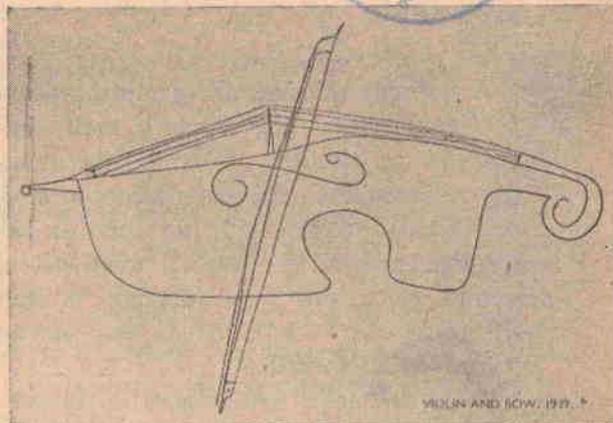
Durante a Idade Média, a música modal (dos «módulos», os modos gregos) teve um desenvolvimento extraordinário. A princípio, tal desenvolvimento foi anárquico. Foi o Papa S. Gregório

Magno quem, segundo a tradição, resolveu pôr ordem nesse desordenado desenvolvimento da arte musical, mandando teorizar e fixar o que se sabia quanto à música modal. Do resultado dos esforços feitos, nesse aspecto, surgiu o canto gregoriano, cujo nome é uma homenagem ao grande Papa.

Várias espécies de música se desenvolveriam agora, em dois ramos principais: a sacra e a profana. A 1.^a, a que deram enorme incremento os mosteiros que então se espalharam por toda a Europa, era exclusivamente vocal. Dentro da 2.^a, havia diversas espécies. Temos, primeiro, a música a que podemos chamar «lírica», por exprimir sentimentos afectivos; desenvolveu-se, a princípio, na Itália, Provença e ainda na Península Ibérica, em especial em Portugal. Os menestres encantavam as damas recolhidas nos seus castelos e davam uma nota de delicadeza aos não pouco materialistas saraus. Acompanhavam o canto de instrumentos de corda, que eram agora de formas e timbres muito variados.

Outra variedade de música profana era constituída por canções e danças populares, em que o ritmo era, por vezes, bastante acentuado e animado. Vinha também a música satírica, a música de caça, a música guerreira, toda ela ritmada, ora a compasso de dança, ora sugerindo o galope pela planície e florestas.

Toda esta música era, ao mesmo tempo, simples e expressiva, traduzindo a espantosa riqueza espiritual e vital dos



homens que assaltavam castelos e construíam catedrais.

Mas o principal desenvolvimento da música, nesta época, deve-se aos monges, especialmente aos de S. Bento. Cantava-se, então, muito mais nas Igrejas do que agora, e melodias cheias de riqueza de expressão.

Como todos os monges cantavam, havia necessidade de facilitar a aprendizagem da melodia, para que não houvesse enganos e desafinações. E surgiu assim a notação musical!

E, porque o canto religioso era apenas vocal e reduzido a uma só linha melódica (uma só voz, como hoje diríamos), os monges-artistas levaram essa linha melódica a uma beleza extrema na variedade e elevação espiritual dos seus temas.

Ainda hoje, nos encanta a melodia pura e expressiva da música da Idade Média!

VII

A notação musical abriu muitas perspectivas; entre elas, talvez a maior revolução da história no campo da música: a descoberta de que podiam *combinar-se* os sons. Foi uma inovação de valor incalculável! Estava-se, com efeito, numa época em que surgiam muitas coisas novas — a começar por novas terras de além-mar —.

Tudo era novo: em geografia, falava-se de novos mundos, «novas terras e novos mares», como disse depois Camões. Em literatura, falava-se no «dolce stil nuovo», vindo de Itália, da poética Florença, onde Dante espalhava o novo lirismo e onde a expressão do amor encontrava nova forma nos sonetos e novas frases nos paradoxos de Petrarca...

Em música, falava-se na «Ars nova», a arte de juntar sons. Junto-se a «Ars nova» ao «stil nuovo» e surgiram os madrigais de uma delicadeza inigualável na letra e na melodia. Os sons combinados eram, agora, não só de vozes mas também de instrumentos, que entretanto se tinham multiplicado em variedade e aperfeiçoado.

As inovações vão num ritmo crescente. Dos oito módulos gregorianos tinha-se passado para dois apenas e de carácter um pouco diferente: o modo maior (alegre) e o menor (doce e melancólico). Mas este empobrecimento parcial (do qual resultou uma maior facilidade para acrobacias posteriores) foi compensado por um importante enriquecimento: os acidentes, ou sejam, os sustenidos e os bemóis. Com os primeiros

significava-se que a nota subira 1/2 tom; com os segundos, descera 1/2 tom. Isto é, de dó a ré, vai um tom; de dó a dó sustenido vai 1/2 tom. De ré a ré bemol, vai também 1/2 tom. Entre o dó e o ré passa, portanto, a haver duas notas: dó sustenido e ré bemol (¹).

VIII

Os acidentes não surgiram, logo, com a clareza referida. A princípio, «sustenido» queria apenas dizer que a nota se *sustentava* (sostenuto). Mas não entramos em complicações.

Da descoberta dos acidentes foi-se dar a uma nova ordenação dos sons musicais que se chama «tom». Pode-se explicar o «tom» como sendo o modo, maior ou menor, mais grave ou mais agudo. Assim, cada tom tem dois modos, o maior e o menor. A música da Idade-Média, mais rica em modos, era mais pobre em tons, visto só ter um. Explicando melhor: partiu-se do *tom* de dó maior, que não tem acidentes, para ré maior, isto é, para uma sucessão de notas que são ao ouvido igual a dó maior, mas um tom mais acima. Mas deixemos, agora, os tons.

No campo da notação musical, havia também inovações a registar. Os monges tinham começado a escrever sinais numa linha, depois em duas linhas. As

(¹) Note-se que embora se considere geralmente que dó sustenido e ré bemol coincidem, isto, em rigor, não é absolutamente exacto. Há entre eles uma diferença quase imperceptível para o ouvido chamada *coma*.

(Continua na página 19)



mudança de óptica

Ganhamos o gosto de nos contentarmos com o conhecimento da realidade e a descoberta das últimas consequências dos fenómenos que a caracterizam.

Se falamos em paz, queremos saber se ela depende de factores económicos, ou do jogo de forças políticas, ou não identificações ideológicas; se discutimos a corrupção dos costumes, pomo-nos a averiguar qual a origem de uma tal evolução; e assim de um modo geral com todos os outros problemas.

Optamos por uma análise objectiva, esquecendo muitas vezes uma análise introspectiva, necessariamente complementar daquela. Esquecemos que a paz é consequência da ordem nas consciências dos homens; e, mais concretamente ainda, o resultado da paz na nossa alma; que a pureza dos costumes se constrói fundamentalmente com a limpidez do nosso olhar, a rectidão dos nossos desejos, a simplicidade do nosso coração. Trata-se de um erro de perspectiva, que pode ser fatal, por nos dar frequentemente a impressão de que os problemas estão demasiadamente longe do nosso alcance, infinitamente afastados das nossas possibilidades reais. Ficaremos então de braços caídos, aguardando o futuro?

Concretizemos com o tema principal desta Presença — a Emigração.

40 milhares de portugueses deixam o continente em busca de melhor situação. Uma inquietação se fixa em nós: que será destes homens que assim partem para o desconhecido? Irão encontrar no novo meio a fé cristã?

E talvez nos assalte a tentação de pensar que o problema é grave, mas não é connosco.

Se não vamos emigrar...

Se não estamos numa Junta de Emigração (esta é outra tendência, a de responsabilizar os poderes governamentais por tudo)...

Contudo...

Cada dia, nós estamos penetrando no desconhecido e fazemos o jogo de tudo conquistar ou perder para Cristo. Na Universidade, quando deparamos com concepções anti-cristãs, com procedimentos ilícitos, com hábitos comodistas e burgueses, isto é, com o materialismo prático que nos rodeia. E não só na Universidade, como na rua, nos transportes, nos divertimentos, na nossa própria família, estamos, quer demos por isso quer não, debatendo-nos na luta pró ou contra Cristo, que é, em última análise, a luta da história até ao fim dos tempos.

E dentro de nós mesmos há ecos da luta — vozes que proclamam aspirações de sobrenatural e vozes surdas que convidam ao fácil e ao puramente terreno. Há, dentro de nós, um país em que é preciso implantar a Cruz de Cristo, em que importa fazer verdadeira cristianização. Nós somos para nós próprios um autêntico país de missão. Com a vantagem de não carecermos de documentação oficial para nele entrarmos nem estarmos dependentes de condicionalismos externos à nossa acção.

Esta a primeira conclusão a tirar em consequência de uma mudança de perspectiva. Mas há mais. Há todas as possibilidades que, no dia a dia, se nos deparam de nos votarmos mais directamente ao problema. Um esclarecimento feito a tempo que se junta a uma conversa cuja orientação é inteiramente certa, um contributo que se presta na terra onde se passam férias e em que há gente que vai emigrar, correspondên-

cia que se procura manter com aqueles que foram para longe e em relação aos quais podemos fazer algum bem, um estudo mais aprofundado que se possa fazer sobre o problema e que se traduza numa publicação, numa conferência ou em simples grupos de discussão. Estes são, apenas, exemplos que hão-de ser, antes de mais, a concretização de uma reforma das nossas vidas.

Onde está o quietismo e o emburguesamento de atitudes, criemos a inquietação e o desejo de heroísmo.

Onde há comodismo ou cobardia devolvamos iniciativas e entusiasmos.

Onde há comodismo ou cobardia, diante dos problemas, punhamos generosidade e heroísmo.

Só assim voltaremos a ser o povo de quem dizia o Poeta

*«... dilatare a Jé e o império
por mares nunca dantes navegados».*

A REDACÇÃO

«Não temos necessidade de vos dizer como a Igreja Católica se sente obrigada ao mais alto grau em se interessar pela obra das migrações. Trata-se de dar remédio a necessidades imensas: a falta de espaço e a falta de meios de existência, porque a velha pátria não pode já alimentar todos os seus filhos e porque um excesso de população constringe estas a emigrar; a miséria dos refugiados e dos exilados que, aos milhões, são forçados a renunciar ao país onde nasceram, perdido para eles, e de ir ao longe buscar e constituir um outro.

A Igreja sente tanto mais estas misérias quanto elas atingem em tão grande parte os seus próprios filhos».

(discurso do Papa Pio XII aos delegados da Conferência de Nápoles 17-10-54).



a propósito da passada campanha eleitoral...

Passada a eleição presidencial não faltará quem julgue ter chegado a hora de regressar ao sossego. Nessa maneira de ver, nada de especial, de novo haveria a pensar, nada a modificar, a resolver, a fazer. Exactamente como já outras vezes tem acontecido.

Mas a História ensina que foi sempre erro descansar sob os louros da vitória. O período eleitoral vemo-lo agora apenas como uma sondagem feita, um revulsivo aplicado, que veio revelar muitas coisas, boas e más, desfazer ilusões, indicar tarefas, tirar conclusões.

A primeira revelação dada pelas duas forças adversas, em ardor e meios de combate, em vivacidade, chamemos-lhe só assim, de propaganda, em movimentação e mesmo excessos de multidões e finalmente em votos, foi a duma profunda divisão na opinião pública, na população, e também em cada um dos seus vãos sectores. Nenhum destes, de qualquer carácter que seja, se manteve isento, inteiramente unido.

Já se sabe que basta a coexistência de dois homens para tornar possível e provável a divisão. Mas assim, com esta paixão, em tão vivo contraste com um passado ainda recente, o caso revela causas profundas que urge estudar e remediar, certo como é que uma nação não pode progredir, nem sequer viver, sem união, verdadeira união ao menos no essencial entre os seus habitantes, e sem uma sincera confiança entre o governo e o povo. As tristes consequências da desunião, sempre geradora da desordem, está aí à vista, neste momento, em diversos países, com todo o seu cortejo de desgraças.

Esse estudo revelará, por um lado, a presença maléfica de elementos, de atitudes, de processos que têm de ser eliminados. Será a atmosfera de sedição que se respira em todo o Mundo, a propaganda e a organização e a exploração ao serviço do comunismo internacional e do imperialismo russo, os abusos de capitalistas, de políticos, até de autorida-

des sem zelo nem competência, de perturbadores qualquer que seja a sua cor, a ambição, o ódio e a ganância dos piores, a tendência impenitente de desordeiros. Com todos estes não poderá haver transigências, uma vez bem identificados.

Mas, por outro lado, há-de também verificar-se através desse estudo, se não se quiser ficar fora das realidades e ser vítima duma ilusão, fatalmente tomada como intenção perversa, a verdade de certas concessões, de certas confissões, feitas durante o período eleitoral, por altas individualidades do actual regime e até do Governo, a respeito de situações que não podem ser mantidas, males que devem ser curados, do clamor alto de muitas lições dos últimos dias, da urgência imediata de renovar, reformar, actualizar muita coisa para que, diriam uns, «a revolução continue», para que, dizemos nós, a união entre os portugueses e a dos portugueses com os seus governantes se firme e desenvolva para bem de todos.

E, a seguir, o remédio, aplicado dentro de normas como estas: ver onde assiste a razão, e descoberta esta, reconhecê-la e satisfazê-la. Para tanto será necessário da parte dos homens investidos em funções de responsabilidade, de qualquer ordem que seja, auscultar a alma do povo português. Os mestres, os livros, a experiência, a autoridade, o saber, o gabinete, valem muito, mas não podem dispensar este contacto com o homem real, concreto, a braços com os seus deveres mas consciente dos seus direitos, a lutar com dificuldades superiores não raro as suas forças, vítima frequentemente de erros, de abandonos senão mesmo de más intenções. Poderá então verificar-se que entre os vindos para a rua a gritar e os que votaram de maneira que pareceu imprudente, uns o fizeram por maldade, outros por mau conselho, mas bastantes porque há muito esperam em vão a solução do seu pequeno problema, pequeno mas angustiante, pequeno mas vital, ou porque ninguém lhes deu remédio a qualquer mal sofrido.

A campanha não findou, começa. Há que conduzi-la, não em som de guerra, mas em tom de paz e elevação humana e nela têm de entrar elementos de ordem política, certamente, mas também de ordem moral, social, espiritual.

(Transcrito do jornal «Novidades» de 13-6-58).

Quando lemos, em notícias dos nossos jornais, ecos dos discursos do Santo Padre sobre emigrações, ou relatos da intensa actividade desenvolvida pela Santa Sé e por numerosos Bispos para formar a opinião pública quanto aos graves problemas que o fenómeno das emigrações põe à consciência dos católicos, talvez não pensemos suficientemente até que ponto estas palavras e estas obrigações são também para Portugal.

Precisamente porque entre nós começa apenas a estudar-se o problema, é muito difícil dar-mo-nos conta dele. Mas está fora de dúvida que a sorte dos que habitualmente saem do país para procurar junto de outros povos condições de trabalho e prosperidade não pode ser indiferente a quem quer viver as preocupações da Santa Igreja e fazê-las suas.

Neste sentido podemos dizer com verdade que todos nós estamos comprometidos e interessados no problema da emigração e, por isso mesmo, embora sem competência para fazer um estudo do assunto, tentarei apresentar um testemunho do que pude observar e sentir quando tive ocasião de contactar com alguns emigrantes portugueses e suas famílias.

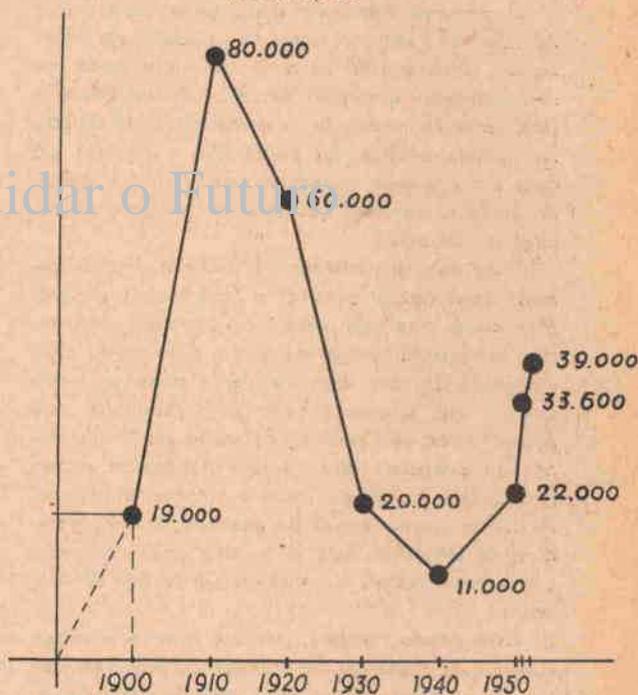
panorama geral da nossa emigração

Embora o número anual de emigrantes varie muito conforme as condições da vida internacional, parece poder dizer-se, segundo estudos feitos recentemente ⁽¹⁾ que o ritmo de saída de por-

(1) — «Emigração» — Conferência proferida em 18-12-52 pelo Presidente da Junta de Emigração.

algumas notas sobre - a emi

A emigração portuguesa desde 1900



tugueses para o estrangeiro com o intuito de aí fixarem residência e exercerem uma actividade profissional, deve



um problema grave emigração -

manter-se entre 30.000 e 40.000 nos próximos anos.

Com efeito, pensa-se que será aproximadamente 50.000 o número de maiores de 14 anos que, no decurso de cada doze meses, aparece a requerer novos empregos, desconhecendo já os que irão substituir os mortos, inválidos e velhos. Calculando-se que apenas cerca de 10.000 a 15.000 tenham possibilidade de fixar-se no Ultramar é natural que o excedente de população continue a procurar, na saída do país, uma possibilidade de trabalho, como tem acontecido até aqui.

Estes números põem-nos concretamente diante da situação: em cada 365 dias, parte para o estrangeiro a procurar trabalho um número de portugueses suficiente para despovoar todo o concelho de Abrantes, por exemplo.

Partem sobretudo dos meios rurais, dos distritos do litoral ou das ilhas adjacentes, zonas onde a vida é mais dura e maior o saldo fisiológico. Alguns números permitir-nos-ão avaliar do modo

como se distribuem pelo país as zonas de maior emigração:

Distritos de maior emigração (em 1952)

Distritos	Emigrantes	
	Números redondos	Percentagem em relação à população
Viseu	5.800	9,8 %
Porto	5.600	—
Aveiro	5.000	9 %
Guarda	3.100	7,8 %
Bragança ...	2.800	10,6 %

Em relação ao saldo fisiológico, o número de emigrantes saídos foi, nos mesmos anos, de 50 a 75 % nos distritos de Aveiro, Viseu, Guarda e Bragança; de 25 a 50 % nos distritos de Viana do Castelo, Vila Real, Porto, Coimbra e Faro.

No entanto, a par destes factores determinantes, contribuem poderosamente para a saída da população de certos distritos o espírito de aventura, uma certa tradição local que facilita aos mais afoitos o desejo de tentar a sorte e o maior ou menor apego do emigrante à terra em que nasceu.

Dos portugueses que emigram 90 % fixa-se no Brasil, o que facilita bastante os problemas de adaptação, dada a semelhança de língua, costumes e menta-

lidade. Quanto aos outros, procuram sobretudo a América do Sul, (mais frequentemente a Argentina ou a Venezuela) e os açoreanos têm uma marcada preferência pelos Estados Unidos.

Nos últimos tempos tem estado a desenvolver-se extraordinariamente a emigração para França, calculando-se em 23.000 o número de portugueses residentes só na região de Paris e está a tentar-se, com bons resultados, a fixação no Canadá, país rico e com grandes possibilidades.

Normalmente os portugueses empregam-se na agricultura, comércio ou construção civil, pois muito poucos têm preparação para o exercício de actividades mais diferenciadas; mas os salários que recebem são altamente compensadores.

Em 1951, os emigrantes saídos pela primeira vez, tiveram a seguinte distribuição pelos ramos de trabalho mais procurados:

agricultura	— 4910
comércio	— 4936
construção civil	— 5017
ocupações domésticas	— 6736
outras profissões	— 5189

Muito haveria a dizer ainda sobre as conclusões a que pode chegar-se num estudo atento das estatísticas dos serviços oficiais de emigração. Mas vejamos, embora a traços muito largos, como se apresentam os complexos problemas sociais e humanos do emigrante.

condições de emigração

Para quem se debruça hoje sobre as características fundamentais do nosso problema emigratório, reveste um carácter verdadeiramente lendário a situação daqueles que, ainda há trinta ou quarenta anos pensavam sair do país.

Certamente todos ouvimos contar histórias de engajadores sem escrúpulos que, em livre exploração da credulidade popular, se iam pelas províncias de Portugal incitando à emigração de qualquer modo, emprestando, sobre hipoteca, para o pagamento das passagens, dinheiro a juros fabulosos (que sabiam de antemão não poder ser pagos) e levando atrás de si homens válidos e honestos no desejo de fazer rápida fortuna na árvore das patacas do Brasil ou nas hipotéticas minas de ouro de qualquer país longínquo.

A esta situação dramática pôs termo a acção do Estado, reprimindo, em boa hora, abusos sem número e entregando à Junta de Emigração, criada em 1947 no Ministério do Interior, todo o cuidado de protecção legal do emigrante e representação dos seus interesses junto dos países estrangeiros.

Talvez o facto deste aspecto ter conseguido uma solução satisfatória tranquilize algumas consciências e nos leve calmamente a pensar que nada há já a fazer. No entanto, basta olhar um pouco os problemas do emigrante, para nos darmos conta de quantos dramas e dificuldades surgem a cada passo quando um homem ou uma família tentam sair do país.

A maioria dos nossos emigrantes tem, como já se disse, um nível muito rudimentar de preparação profissional e dispõe, como bagagem cultural, da terceira ou quarta classe primária. Os seus horizontes estão reduzidos ao conhecimento da terra em que nasceram e muitos deles nunca tiveram contacto com a cidade.

Na falta de elementos que lhes permitam estudar seriamente a sua situação e encarar a vida futura, o emigrante refugia-se, normalmente, no sonho, convence-se de que tudo vai ser fácil no dia em que der o primeiro passo, para deixar a sua terra e assim consegue coragem para tomar uma decisão.

A primeira grande dificuldade começa para ele no dia em que faz as diligências preliminares para partir e é posto diante de todos os condicionalismos que limitam a sua liberdade de escolha.

Certos países de emigração não aceitam estrangeiros sem rigorosas garantias de que serão uma fonte de riqueza; outros, como os Estados-Unidos, limitam extraordinariamente o número de entradas em cada ano; para umas regiões, é exigido que o emigrante se comprometa a levar a família, para outros, é preferível que não a leve.

Além disso, a própria defesa do emigrante impõe aos poderes públicos o cerceamento da emigração individual segundo a livre fantasia de cada um, com todas as suas desastrosas consequências de desagregação familiar, fuga a responsabilidades de todo o género, ausência das mínimas garantias de segurança social e profissional, etc.

Hoje tende-se, sobretudo, para uma emigração dirigida, quer individual quer familiar, garantida por convenções internacionais e estudo sério das possibilidades das regiões que pretendem beneficiar da presença do emigrante. Há já entre nós experiências interessantes de emigração individual dirigida para o Canadá e de emigração familiar para zonas rurais do Brasil, umas e outras dando os melhores resultados.

Mas todas estas medidas de protecção e auxílio e os desejos divergentes do país que recebe o emigrante e daquele que o deixa partir, criam uma série de dificuldades muito reais, com que aquele que pensa lançar-se na aventura de conhecer novos mundos muitas vezes não conta.

o que é possível fazer-se

Mesmo nos casos em que todas as complicações exteriores às pessoas conseguem resolver-se, está ainda para realizar um trabalho imenso, antes que o nosso emigrante se possa apresentar no estrangeiro, de modo a dignificar a sua terra e a adaptar-se, sem grandes dificuldades, à vida que escolheu.

Isto exigiria, em primeiro lugar, que quando alguém quisesse sair do país, pudesse encontrar meios acessíveis de estudo e documentação, pudesse estar em contacto com pessoas capazes de o elucidar, de estudar com ele problemas e dificuldades, de lhe dar uma preparação séria e suficiente antes da partida.

A viagem do emigrante não pode começar quando ele chega ao porto de



embarque, quando principiam a assaltá-lo todos os receios e todas as dúvidas, mas é já tarde de mais para voltar para trás...

Enquanto não for possível fazer-se uma preparação sistemática por pessoal especializado, penso que as forças vivas das paróquias das zonas de maior emigração muito poderiam realizar neste aspecto. Pároco, professores, médicos, engenheiros e técnicos agrícolas, funcionários superiores das Câmaras Municipais (a quem incumbe, legalmente, toda a orientação do emigrante antes de partir), senhoras de boa vontade capazes de iniciar as mulheres e raparigas nos problemas da técnica da vida doméstica, todos teriam o seu lugar numa campanha de preparação de emigrantes para a vida que os espera.

Quando chega a Lisboa ou ao Porto para embarcar, o emigrante sente-se mais do que nunca perdido num mundo que não conhece, ansioso e amedrontado. Mais do que nunca, tem necessidade de apoio amigo e orientação; mas julgo que, até agora, não encontra nos nossos portos outro conforto ou amizade além dos que lhe são, felizmente, dispensados pelos funcionários do Ministério do Interior.

Quando chegará a altura em que os portugueses que vêm da província para

embarcar ou os que voltam de longe, quer para descansar, quer dominados pelo fracasso de não terem sabido vencer, encontrarão nos portos um «lar» acolhedor, de preços acessíveis, dirigido e orientado por cristãos que, em caridade e com a máxima competência, queiram ajudá-los?

Quando será possível, através das paróquias e movimentos, estabelecer um contacto regular com todos os portugueses dispersos pelo mundo que sentem profundamente a saudade da pátria que deixaram? Talvez não pensemos até que ponto uma palavra amiga do pároco ou dos cristãos da sua terra pode reacender no emigrante uma fé prestes a apagar-se ou despertar a sua energia moral.

Se todos nós fôssemos, pouco a pouco, tomando consciência destes problemas e sentindo que também os emigrantes são irmãos nossos em situação difícil, talvez muitas iniciativas pudessem ser lançadas e a voz da Santa Igreja neste campo tivesse eco em Portugal.

Há muitos problemas que ultrapassam as possibilidades individuais ou de pequenos grupos; mas muitos outros podem começar a ser resolvidos, aqui e além, sem pretensões de principiar por uma grande obra.

M. L.

«Para nós, católicos, o problema das populações excedentes, é, antes de tudo, um problema moral, um problema religioso. Se o quisermos encarar apenas sob um aspecto técnico, como um processo de redistribuição de mão de obra ou como modo de distribuição mais racional, no mundo, de efectivos de trabalhadores, aqui insuficientes, acolá superabundantes, agiremos talvez como realistas, mas não como cristãos, e, no campo prático, seria de temer que esta concepção estreita da questão tirasse aos nossos esforços a maior parte da sua eficácia.

(do discurso de M. Pierre Laporte, da Comissão da Emigração, ao I Congresso do Apostolado Leigo).

Ensaio

considerações sobre o ritmo

(breves apontamentos do curso de iniciação musical que o PROF. EDGARD WILLEMS do Conservatório de Génève veio orientar no Porto)

A música, seja ela magia, arte ou ciência, tem estado sempre ligada ao progresso da humanidade. Nos tempos antigos, os chineses, os gregos (em geral, todos os povos orientais) deram à música uma importância considerável, unindo-a intimamente à vida religiosa e cívica.

Depois de longos períodos de materialização, pensadores e músicos ocidentais, inclinaram-se sobre as profundezas ainda inexploradas da arte musical; Schopenhauer por exemplo, viu na música um meio de expressão da realidade humana; e Beethoven considerava-a «uma revelação que ultrapassa toda a filosofia».

Nos nossos dias, uma corrente cultural tende a considerar a música um factor importante na formação da personalidade humana. Esta integração da música na vida humana levanta problemas subtis, alguns dos quais ainda sem resolução.

No passado «ensinava-se» em vez de «se educar»; «exploravam-se» os dons existentes, em vez de os «desenvolver». A partir do princípio do século, começa-se a reagir: os métodos tornam-se mais activos, faz-se surgir a «vida», antes da perfeição formal; tende-se para uma técnica mais espiritualmente artística que materialmente racional, baseada tanto na acção sensível como no conhecimento.

Como se podem estabelecer os fundamentos duma educação musical e dar-lhe bases absolutamente sãs, respeitando os valores vitais da tradição?

É preciso estudar a fundo a natureza dos elementos materiais e espirituais da música. **ESTA NATUREZA NÃO SE DESCOBRE SOMENTE NA PRÓPRIA MÚSICA; DESCOBRE-SE TAMBÉM, E SOBRETUDO, NO SER HUMANO.**

Muitos dos erros cometidos no ensino e educação musical, são devidos ao desconhecimento da natureza dos elementos fundamentais que são: o som, o ritmo, o ouvido musical, a melodia, a harmonia, a inspiração. Seria um erro comparar, por exemplo, a música a um templo, e os elementos fundamentais aos materiais utilizados nessa obra de arte. Os elementos constitutivos da música não são só elementos físicos e formais, cuja coesão é devida à força física; eles próprios são elementos de vida, de ordem fisiológica, afectiva e mental.

A educação bem compreendida, não é somente uma preparação para a vida; ela própria já é uma manifestação permanente e harmoniosa da vida. Devia ser assim em todo o estudo artístico, e particularmente na educação musical, que se serve da grande parte das faculdades principais do ser humano.

O RÍTMO tem uma importância capital na música, pois é ele que lhe dá forma. Mas o que é o ritmo? Qual a atitude humana a adoptar para o alcançar, sentir, viver?

A educação revela a natureza real do ritmo, e faz descobrir onde ele tem o seu centro no ser humano, onde tem as suas raízes. Depois de diferenciar o ritmo não só na Métrica (medir o ritmo), mas também na Rítmica (no sentido Grego... a ciência das formas rítmicas), diríamos que o ritmo é um elemento de vida, particularmente de vida fisiológica, cuja chave prática se encontra no ser humano. O verdadeiro

ritmo é inato, e está de facto, presente em todo o ser humano normal. A marcha, a respiração, as pulsações, os movimentos mais subtis provocados por sensações emotivas, por pensamentos, são instintivos e é destes movimentos que um educador obterá da criança o verdadeiro ritmo «vivant», interior, criador em todo o sentido do termo.

O ritmo, elemento de vida, é indefinível. «E tão difícil definir RITMO diz L. B. Ruisse, que depois de dizermos: é não sei o quê, uma espécie de..., somos tentados de acabar a definição com um gesto». S. Agostinho dá-nos uma definição artística: «Ritmo é um belo movimento». E Platão: «Ritmo é a ordem do movimento». Sobre o ponto de vista pedagógico, o prof. Willems diria, antes, que «ritmo é o movimento ordenado». E existe realmente uma diferença.

O ritmo — musical ou outro — é força propulsiva, linear; dá forma, estrutura. Reencontramos este mesmo elemento nas nervuras das folhas e nas pétalas das flores; existe, também, embora menos aparente, na polpa dos frutos, sob o aspecto de filamentos.

Paralelamente, encontramos o ritmo, diminuído, na melodia e na harmonia, que lhe devem, não a natureza, mas a estrutura. Da mesma maneira, na natureza humana, reencontram-se os elementos de vida física, material, rítmica, noutros planos mais subtis, nas manifestações afectivas e mentais. Não é o sentimento um «movimento» da alma? Não se registam, actualmente, vibrações mentais?

O ritmo pode, pois, encarar-se sob um triplo aspecto, assim como a Melodia e a Harmonia. Teríamos:

ASPECTO

RITMO MELODIA HARMONIA

ASPECTO	RITMO	MELODIA	HARMONIA
MATERIAL (fisiológico)			
AFFECTIVO (emotivo)			
MENTAL			

Porque será que a música do negro é uma música essencialmente rítmica? Reflecte-se nela a vida selvagem que ele leva, uma vida ao ar livre, uma vida física. O povo do Oriente é espiritual; sentimos a sua sensibilidade de coração nas linhas melódicas da sua música. O Ocidental é intelectual; isto tem influên-

cia na sua música... música harmónica.

O ritmo pode existir sozinho; para haver harmonia tem que haver ritmo. Só com Ritmo e Melodia é que poderemos ter Harmonia.

As relações entre o Ritmo e a natureza humana conduzem-nos, na educação rítmica, a procurar as origens não



(Continuação da página 8)

só nas fórmulas, mas na vida. tal qual ela se manifesta em nós próprios e à nossa volta. É evidente que a própria música contida nas obras-primas dos mestres, nas canções populares, no cantochão e nas produções exóticas, constitui a primeira grande origem prática dos ritmos musicais.

É perigoso, no entanto, o agarrarmos-nos, exclusivamente, às formas exteriores e alojarmos-nos no domínio da memória e da imitação. Na educação rítmica, o ritmo puro, pré-musical — que se encontra também nas outras artes e na natureza — pode vivificar o músico. Mencionamos algumas das origens rítmicas:

Os ruídos da natureza: a água, (chuva, rios, ondas do mar), as avalanches, as erupções vulcânicas. *O barulho das máquinas* (em geral, de natureza métrica) que inspirou, por exemplo, A. Honneger em *Pacific 231*.

O canto das aves, cujo ritmo flexível e variado se torna quase impossível de notar com precisão. *A linguagem e a poesia*, muitas vezes ligadas à música e que a inspiraram. *As cutres cutres*, pelas ligações humanas que as unem à música, podem alimentar a imaginação rítmica. Em todas as artes sem excepção, o Ritmo exprime movimento. Apesar de estar condensado nalgumas artes, como no desenho, o ritmo exigiu movimento da parte do artista; e o espectador, se quer beneficiar do valor rítmico da obra, tem de tornar a sentir o que o autor sentiu e viveu.

Para terminar, insistiria ainda na necessidade de unir continuamente o Ritmo à Vida. Mesmo um ritmo medido, regular, não deve ser encarado como um movimento mecânico, matemático, ou como a realização dum conceito, mas como um movimento natural, «vivant». É, pois, o Ritmo que dá forma à música, como o tronco e os ramos dão forma à árvore.

M. Inácia de Brito e Cunha

linhas representavam notas; e os sinais, som na linha, abaixo ou acima, indicavam que o som era igual, mais grave ou mais agudo do que a nota que a linha representava. Acrescentavam-se, entretanto, mais linhas. Os sinais (neumas) sofreram outras modificações para indicar que se cantavam mais depressa ou mais devagar.

Mas esta simplicidade começou a não chegar. As linhas passam a querer designar esta ou aquela nota conforme o sinal (clave) que se punha numa delas, no início de um conjunto, a *pauta*.

Os neumas tornaram-se maiores, com sinais mais simples, e passaram a chamar-se *figuras*, indicando claramente a relação que existia entre as durações respectivas. Para que esta disciplina fosse possível, foi necessária outra invenção: a marcação do compasso.

Com todo este material aparelhado para escrever música, que coisas novas se iriam ousar?

M. A. G.

Por lamentável gralha, apareceu escrito, na ficha bibliográfica que acompanhava o n.º 21 de «Presença», e dedicada à obra de Malègue «Augustin ou le Maître est là», Santo Agostinho, em vez de pura e simplesmente Agostinho.

Pedimos desculpa.

da expressão artística

Analisando as diversas formas de expressão, além da que é vital, directa, espontânea, encontramos muitas outras provenientes de uma interiorização e de uma actividade reflexa.

É nestas que situamos a vulgarmente chamada «expressão artística»: quando a realidade expressa se traduz numa combinação de formas livremente ordenadas.

É o domínio da arte. O domínio das novas ordens criadas pelo homem, através das quais ele se traduz.

Este traduzir, que é linguagem plástica, pode-se talvez definir como sendo o «conteúdo humano» dessa forma que o artista intencionalmente ordena (processo a que se dá o nome de criação).

Este complexo forma-conteúdo, constitui a unidade da obra de arte e é, portanto, inseparável.

É erro comum, o querer-se «explicar» um quadro. Ora um quadro não se explica, porque tudo o que ele poderá dizer está nele, é a intenção das suas formas. Se as não apreendemos directamente, é errado tentar traduzi-las duma maneira literária, pois a humanidade de um quadro vive nele e só ele a pode comunicar.

Querer separar o conteúdo da forma é destruir a obra; o conteúdo expresso e a forma que o exprime, são, ao mesmo tempo, a sua densidade e a sua estrutura.— O tão falado sorriso da *Monalisa*, é qualquer coisa que existe na tela de Leonardo, e que só lá se pode encontrar.

Podemos assim concluir que, em arte, toda a forma é simbólica, na medida em que não é um fim em si, mas suporte de realidades mais fundas.

Serve de exemplo a obra de Van Gogh, que, para além dos temas dos seus quadros é uma síntese plástica do drama e da solidão que foi a vida deste pintor.

O símbolo já foi uma vez definido como sendo «algo sensível que, uma vez conhecido, nos leva a algo de desconhecido».

Isto é certo no que se refere à criação artística, se aceitarmos como sensível aquilo que é dado aos nossos olhos contemplar, e como desconhecido, o mistério de toda a obra de arte.



Convém ainda sublinhar, que o símbolo artístico, ou seja, a forma criada, não é uma alegoria que traduza outra realidade por um convencionalismo racional (a balança, símbolo da justiça), mas é diálogo de alguém para alguém, linguagem estética de um singular universal.

Singular, porque expressão de determinado homem em determinada época. Universal, porque para além do condicionalismo histórico e geográfico, os homens vivem realidades comuns.

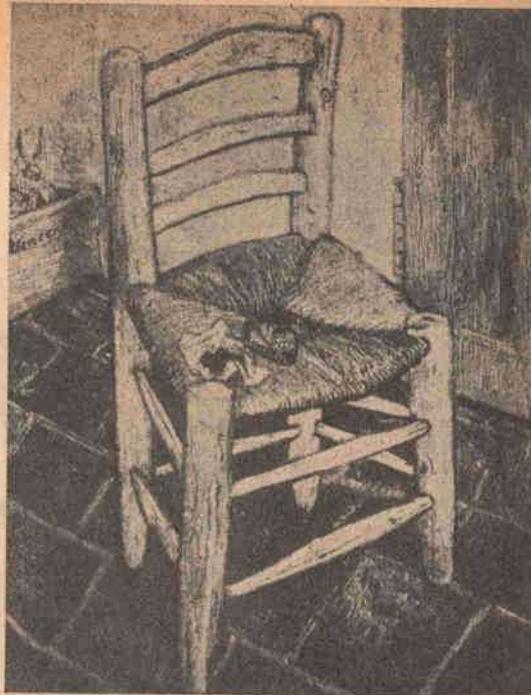
A alegria de viver, o sentido da morte, a dor, a esperança, são dados existenciais que acompanham o homem desde o pecado. Tudo isso ele deixa expresso, numa maneira particular, em obras que o testemunham. — Símbolos vitais, que permanecem no tempo, levando a novas gerações o que foi uma experiência humana, uma intenção.

Toda a arte empobrece, quando se afasta do homem como fonte de expressão. É o caso dos academismos: — formas convencionais, vazias de conteúdo humano.

Se analisarmos a história de arte, vemos que houve, através dos tempos, uma procura de formas novas e vitais, cor-



Van Gogh — les souliers



Van Gogh — le chaise et la pipe

respondentes às exigências estéticas e aos valores mais representativos das sucessivas épocas. Isto mostra-nos não ser estático o domínio das descobertas formais, porque criação de homens em constante devir.

Determina-lo tipo de forma, que a dada altura foi verdadeiro, correspondendo a obras de arte, deixa de o ser e desvitaliza-se, na medida em que as exigências se tornam outras.

Um exemplo típico deste empobrecimento são as manifestações estéticas que sucederam à Renascença, de valor artístico duvidoso, em que a forma já não é criação original, mas «receita» tomada das formas renascentistas.

A arte morre, quando o homem artisticamente se trai a si próprio. Quando tenta reproduzir fiel e objectivamente o mundo que o rodeia (diminuído porque acorrentado aos limites humanos — foi o caso da decadência post-renascentista), e não procura através da sua interiorização, comunicar a visão do mundo que lhe é própria, a sua experiência única de homem e de artista.

Maria Flávia de Monsaraz

Autor de *Platero e eu*

Juan Ramon Jimenez

A Morte é, por vezes, a melhor agente publicitária. Antes que, há algumas semanas, os jornais anunciassem que morrera com 77 anos, em Puerto Rico, um Grande da Aristocracia das Letras espanholas, um dos Maiores na Literatura mundial, quantas de nós conheceríamos, ao menos de nome, Juan Ramon Jimenez, poeta laureado com o Prémio Nobel em 1956? Apenas este ano, por alturas do Natal, se publicou entre nós a tradução desse delicioso «Platero y Yo», livro de 1914, traduzido já, no entanto, em oito línguas...

É que inexplicavelmente Portugal, vizinho de paredes meias com a Espanha, ignora quase em absoluto os reais valores do pensamento espanhol, conhecendo dele apenas as adaptações de um teatro ligeiro, feitas em moldes de Parque Mayer.

Verificação do facto, sem outro comentário. Urge sòmente dar um passo para cada um, pessoalmente, tentar a aproximação.

Julgamos querer que «Platero e eu», na tradução portuguesa, será um excelente ponto de partida.

Elegia andaluza lhe chamou o seu autor, tem de elegia os acentos melancólicos, de andaluz a situação geográfica porque vivida em Moguer, pueblo natal de Juan Ramon, mas ainda longe do conceito convencional de Andaluzia, ardente, violenta de cor e de sentimentos, mais um dos muitos «clichés» que nos ficaram do Romantismo francês à Prosper Marimé. Colorido existe, sem dúvida, em todo o estilo de J. Ramon Jimenez, assim como sonoridade, e mais do que isso, aromas. Quase apetece dizer que «Platero e eu» não foi escrito com tinta e papel, mas utilizando largamente a cor, o som e o perfume, sempre em matizes suavíssimos, em melodias muito puras, em deliciosas exalações, porque no deambular romântico do poeta acompanhado de Platero, o burrinho cinzento-prata seu confidente, vamos também deter-nos com ambos para respirar uma tarde macia que desce, para enternecer-nos diante de uma flor brava, de um pássaro, ou de uma estrela caída na água de um charco.

Tudo isto, porém, que são temas aparentemente esgotados por séculos de Poesia boa e má, nos aparece em Juan Ramon Jimenez com uma profunda ori-

ginalidade estilística. As imagens brotam espontâneas e com um raro vigor expressivo.

Por exemplo, ao descrever um dia de Primavera diz:

«É como se estivéssemos dentro de um grande favo de luz que fosse o interior de uma imensa e cálida rosa acesa».

Uma prosaica melancia será «*neve es-carlate*»; do canto do grilo dirá que «*de súbito, já com as estrelas no céu verde e transparente, ganha uma doçura melodiosa de guizo solto*»; e uma cigarra «*serra um pinheiro a que nunca se chega*».

Escrever bem, escrever com Beleza, é dos grandes e raros dons a cuja ausência nos estamos infelizmente habituando...

Não só em «Platero e eu», mas em toda a extensíssima obra poética do autor de «Estio», «Diário de um poeta recien casado», «Eternidades», «Piedra y Cielo», «Poesia», «Beleza», «La Estación total», «Sonetas espirituales», «Canciones de la nueva luz», etc., é sensível essa preocupação que, aliás se revela numa grande simplicidade de motivos. J. Ramon Jimenez foi o poeta das pequenas coisas simples e puras: o amor da natureza e dos animais, a ternura pelas crianças. (Recorde-se, a propósito, que nos dias sangrentos da Guerra Civil lhes acalmava o pavor dizendo-lhes versos seus).

Tem a mesma limpidez o seu lirismo amoroso: em «Diario de um poeta recien casado» muito especialmente o tema do amor conjugal, sempre nos surge como algo de muito alto, de muito puro e total, sem partilhas ou egoísmos que o amesquinhem:

*«Ahora que estás dormida,
puedo, solo, adorarte,*

*sin serme, con tu parte,
mi fe correspondida.*

*Qué bien, dar uno, entero
su afán, sin recompensa!
Esta es la vida inmensa,
el amor verdadero!»*

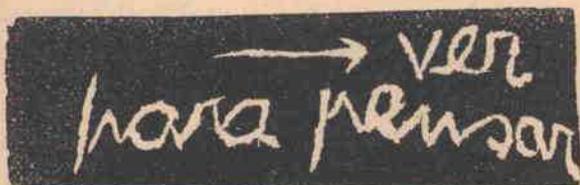
Falta-lhe apenas um sopro de Sobrenatural para o podermos qualificar de cântico de espiritualidade conjugal cristã. É, aliás, esta a falha sensível de uma grande obra como a de Juan Ramon Jimenez: o impreciso contorno dos valores eternos.

Pulsa em toda ela uma espécie de franciscanismo laico devotado à beleza humilde das criaturas, mas o Criador não se distingue delas antes nos parece imanente, evolvendo-se da obra um vago panteísmo que não chega, no entanto, a afigurar-se-nos perigoso.

Só em «Anímal de Fondo» o autor confessa que a procura de Deus na primeira fase da sua evolução foi uma necessidade de amor, na segunda um fenómeno intelectual, uma avidez de eternidade; mais tarde Deus aparece-lhe como «uma consciência única, justa, universal da beleza que está dentro de nós e fora ao mesmo tempo». É pouco.

Contudo este homem sereno, de grandes olhos tristes e *facies* decalcado sobre um quadro de El Greco, exilado voluntário após a morte de Zenóbia Camprubi, sua mulher, ocorrida três dias depois da consagração mundial do poeta, legou-nos com «Platero y Yo» e com os outros livros seus, uma obra talvez apenas humana, mas que o é profundamente. Consoladoramente.

Maria Isabel de Mendonça Soares



O Congresso da Unidade

«Vós sois a luz do mundo. Não pode esconder-se uma cidade situada sobre um monte, nem se acende uma luz para a esconder debaixo do alqueire, mas para, em cima do candelabro, alumiar a todos os que estão em casa. Pois, do mesmo modo, brilhe a vossa luz perante os homens para que eles vejam vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus». (S. Mateus, V, 14-16).

E a luz saiu para alumiar mais intensamente, mais directamente, os homens...

Religiosos e religiosas de todas as ordens reuniram-se, no passado mês de Abril, em Lisboa, no seu primeiro Congresso Nacional.

Por uma semana, os hábitos deixaram os claustros e gabinetes de trabalho pelas salas de conferências e trocaram a oração de oração e labo na sua comunidade pelas sessões de estudo, oração e trabalho numa comunidade mais vasta.

Leram-se e comentaram-se teses e comunicações, relataram-se e registaram-se conclusões. Mas, para além dos resultados práticos apurados, nos sectores do trabalho missionário, assistência, enfermagem e catequese, o grande valor do magno Encontro dos Institutos Regulares Portugueses consistiu em mostrar a verdadeira face da Igreja.

Testemunho de pujante vitalidade no equilíbrio oração-pensamento-acção; lição de fidelidade ao pensamento da Igreja na actualidade sem cessar renovada dos seus métodos de trabalho e apostolado, o Congresso foi, acima de tudo, uma grande afirmação de UNIDADE.

Unidade nas fileiras dos Institutos Regulares em Portugal e entre estes e o Sacerdócio Diocesano, cuja colaboração foi lembrada e encarecida. Unidade já profundamente sentida por todos os participantes, mas que ficou, deste modo, mais flagrantemente revelada.

E foi essa Unidade que, afirmada de S. Domingos à Sociedade de Geografia e desta aos Jerónimos, S. E. o Senhor Cardeal Patriarca definiu, em síntese luminosa:

«Uma só Igreja, na diversidade hierárquica dos membros que a constituem e na multiplicidade solidária das suas funções. O Corpo Místico de Cristo».

E. F.

A Exposição-Problema

Cinquenta pavilhões, cinquenta concepções de vida, meio século de Cultura e de progresso técnico numa sinopse policroma e um perfume de flores exóticas que sobe das estufas de Laeken: *Bruxelas '58* ou a *Exposição-Problema*.

Ele, o Problema, impõe-se ao visitante e deixa-lhe uma tremenda margem de responsabilidade.

Em primeiro lugar, para interpretar fielmente o tema proposto — «Bilan d'un monde pour un monde plus humain» —, exigiu-se que cada representação explicasse ao mundo o seu complexo geográfico, climático, histórico e económico e os problemas humanos que se põem em função desse complexo. Então, e só então, teriam sentido os meios de que se serve para solucionar esses problemas, as suas técnicas, os seus métodos de trabalho e, finalmente, o contributo, espontâneo e desinteressado, que está disposto a dar através das suas experiências para o enriquecimento material e espiritual do resto do mundo.

Procurou-se fomentar uma interpenetração de culturas, uma universalização de aquisições, ao mesmo tempo que uma maior compreensão do particular, do típico, do não totalmente assimilável da cultura de cada povo.

Em suma: Um encontro, não uma competição, uma aproximação de homens, não uma exibição de máquinas.

Um novo humanismo renasceria daqui.

Ter-se-á conseguido esse objectivo?

Em parte, talvez, se a entarmos na limpidez de certas representações. Assim, 20 vacas e um porto artificial levaram a Bruxelas o amável vizinho do Benelux, assim como as partituras de Schubert revelam a essência da Austria e a réplica miniatural da Westminster Abbey com a Rainha Isabel, coroada, num trono, resume, sem mais explicações, a Inglaterra.

E a *Civitas Dei* (para alguns, simplesmente, *O Vaticano...*), o pavilhão do mundo, o único cuja mensagem se pode chamar, simplesmente, A MENSAGEM, resume toda a Esperança da Humanidade, ao mesmo tempo que a sua flecha aponta o CAMINHO, o único.

... Mas, para interpretar fielmente o tema proposto, exigia-se muita sinceridade. Pedia-se um balanço, e não o *Activo* de um balanço ampliado, deturpado ou, se deixarmos a perifraxe, a Propaganda...

... Ainda assim a competição não se evitou: mais satélites *contra* satélites maiores.

... E o *Atomium*, símbolo da vitória da Ciência moderna, um meio portanto, foi erigido em símbolo absoluto, em síntese máxima da nossa Era, pretendendo-se ver, através da sua estrutura de aço, o «mundo mais humano» de amanhã...

O Problema acentua-se e pesa.

É que a Exposição não impõe, sugere.

É preciso *saber* ver através dela a boa vontade e o pôr em comum que se quis fomentar.

Eis porque a Exposição deixa ao visitante uma tremenda margem de responsabilidade. E. F.



ella y nosotros

Platero; acaso ella se iba — ¿adónde? — en aquel tren negro y soleado, que, por la vía alta, cortándose sobre los nubarrones blancos huía hacia el norte.

Yo estaba abajo, contigo, en el trigal amarillo y ondeante, goteado todo de sangre de amapolas, que ya julio coronaba de ceniza. Y las nubecillas de vapor celeste — ¿te acuerdas? — entristecían un momento el sol y las flores, rodando vanamente hacia el nada...

¡ Breve cabeza rubia velada de negro! Era como el retrato de la ilusión en el marco fugaz de la ventanilla.

Tal vez ella pensara. — ¿ Quiénes serán esse hombre enlutado y ese burrillo de plata?

¡ Quiénes habíamos de ser!! Nosotros..., Verdad, Platero? —

La Flor del Camino

Qué pura, Platero, y qué bella, sta flor del camino! Pasan a su lado todos los tropeles — los toros, las cabras, los potros, los hombres —, y ella, tan tierna y tan débil, sigue en hiesta, malva y fina, en su vallado triste, sin contaminar-se de impureza alguna.

Todos los días, cuando, al empujar la cuesta tomamos el atajo, tú la has visto en su puesto verde. Ja tiene a su lado un pajarillo, que se levanta — por qué? — al acercamos; o está llena, cual una breve copa, del agua clara de una nube de verano; ya consiente el robo de una abeja o el voluble adorno de una mariposa.

Esta flor vivirá pocos días, Platero; pero su recuerdo ha de ser eterno. Será su vivir como un día de tu primavera, como una primavera de mi vida. Ay! Qué le diera yo al otoño, Platero, a cambio de esta flor divina, para que ella fuese, diariamente, el ejemplo sencillo de la nuestra?

in «Platero y yo»
de Juan Ramon Jimenez



suspensão das explosões nucleares

fiscalização

conferência de Genebra

Quando Andrei Gromyko anunciou perante o Soviete Supremo da U.R.S.S. que o governo soviético decidira suspender as explosões nucleares experimentais e esperava que as outras potências atômicas (Estados Unidos e Grã-Bretanha) procedessem da mesma forma, não possuíamos perspectiva suficientemente ampla para apreciar o alcance da espectacular decisão russa dentro do binómio (já lugar comum): manobra de propaganda ou gesto positivo de paz. Mesmo assim, analisadas as circunstâncias que rodearam aquele anúncio, já de certo modo se podia qualificar a decisão russa de manobra de propaganda. A União Soviética acabava de efectuar, nas estepes siberianas, a série, até agora, mais importante de explosões nucleares experimentais; por outro lado, os Estados Unidos e o Reino Unido encontravam-se em vésperas de dar início aos respectivos programas de explosões nucleares, no Pacífico. A U.R.S.S., aproveitando-se da onda pacifista que alastrava em certos meios ocidentais⁽¹⁾ (e que lhe convinha fomentar) e da simpatia benevolente do bloco neutralista afro-asiático, pretendia colocar os governos americano e britânico perante uma situação em que, se aceitassem pura e simplesmente o convite russo, ficariam sujeitos a um «diktat» atômico por parte da Rússia, minando a sua própria segurança, e, se o recusassem, perderiam uma importan-

te batalha psicológica junto da opinião pública mundial. Era tanto mais nítida a intenção propagandística da decisão soviética quanto nela se acrescentava que o governo russo retomaria a execução das experiências nucleares, se os Estados Unidos e a Grã-Bretanha se recusassem a tomar decisões idênticas.

Hoje, face ao que acaba de se passar com a reunião de peritos destinada a estudar as possibilidades de fiscalização das explosões nucleares experimentais, reunião convocada para Genebra, por acordo entre Eisenhower e Kruchchev, não é difícil acentuarmos o nosso veredicto: manobra de propaganda. É notável a dialética maquiavélica de Moscovo: primeiro, anuncia «urbi et orbi» a suspensão do seu programa de «tests» e convida as outras duas potências a seguirem-lhe o exemplo, sem condições; depois, face à recusa anglo-americana, aceita, com certa relutância, a proposta do Presidente Eisenhower no sentido de se efectuar uma reunião de peritos das duas partes para discutir as possibilidades de fiscalização eficaz de explosões nucleares experimentais, fiscalização essa julgada indispensável para que o Ocidente, sem atentar contra a sua própria segurança, possa, eventualmente, suspender os seus programas de «tests» como primeiro passo para o desarmamento, o desanuviamento e a tão falada «conferência em alto nível»; em



vésperas de se reunirem em Genebra os peritos científicos, e tomando como pretexto determinada declaração de Foster Dulles, recusa-se a enviar os seus representantes à conferência, caso os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não se comprometam previamente a aceitar a suspensão das explosões nucleares; finalmente, perante a atitude firme dos dois governos ocidentais, que, decididos a lançar sobre a U.R.S.S. o gravame de um fracasso da reunião, reafirmavam o seu propósito de enviar a Genebra os seus peritos, o governo soviético reconsiderou e decidiu participar.

Estes acontecimentos, por demais idênticos a tantos outros que revelam a especial maleabilidade da «ética» marxista-leninista, podem ser interpretados por diversos prismas e servir de ponto de partida para algumas interrogações. Se a decisão de suspender unilateralmente as explosões nucleares parece estar ligada à necessidade sentida por Kruchtchev de consolidar, junto das massas soviéticas, o seu poder de novo «czar» estalinista (2), não serão estas novas atitudes de «ora sim, ora não», um sintoma de correntes e contra-correntes favoráveis ou desfavoráveis ao desanuviamento com o Ocidente? (3) Não teria sido dada a recusa inicial na esperança de que os dois governos ocidentais endurecessem a sua posição fazendo com que, em compensação, a União Soviética colhesse os louros de campeã da paz mundial, por propor, desde já, o compromisso de se suspenderem as explosões nucleares? Ou não terá sido antes o receio de que, tendo êxito a conferência de peritos e verificada a viabilidade da fiscalização, se visse obrigada, perante a opinião pública mundial, a aceitar, no seu território, núcleos de inspectores neutrais, num momento em que, muito possivelmente, isso é menos conveniente para os seus interesses políticos?

Quaisquer que sejam os motivos por detrás deste jogo soviético, não podemos deixar de aderir à atitude prudente que, nesta questão, assumiram a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Eis o que, a propósito, escreveu Pierre Béguin, na «Gazette de Lausanne», de 27 de Junho: «A suspensão das explosões nucleares, a proibição das armas atômicas, não podem, infelizmente, ser decididas pela aposição solene das assinaturas das maiores potências (as que desde já têm nas mãos esses engenhos de destruição maciça) a seguir a simples declaração de princípios. Por razões evidentes, não existe confiança entre os principais participantes de tal acordo. Na sociedade humana destes meados do século XX, existem demasiadas zonas de sombras ou de mistério, pelo menos de segredo absoluto, onde, mau grado os compromissos mais solenes, poderiam prosseguir as experiências actuais. É indispensável uma fiscalização que disponha dos mais abundantes meios de investigação. Sem fiscalização e sem sanções contra os contraventores, não pode haver submissão autêntica a uma lei internacional.»

F. A.

(1) Movimentos «anti-bomba H» nos E. U. e na Grã-Bretanha: influências do plano Rapacki; as Reith Lectures do Embaixador George Kennan; a polémica entre cientistas norte-americanos sobre a viabilidade de uma bomba termo-nuclear «limpa».

(2) K. acabava de ser «eleito» para substituir o Marechal Bulganin na chefia do conselho de ministros.

(3) Veja-se: crescente pressão chinesa no sentido de uma ortodoxia estalinista, anti-revisionista na ordem interna e anti-desanuviamento na ordem internacional; nova campanha de hostilidades contra o comunismo «nacional» de Tito; execução sumária dos chefes da Revolução húngara de 1956.

Fundação Cuidar o Futuro

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, «Citadelle», Gallimard, Paris, 1956, pgs. 531.

Foi em 1936 que S.E. começou a escrever esta obra, cujo termo foi imposto pela morte do A. em Julho de 1944. É, portanto, um livro póstumo, sem aquele acabamento que só as revisões tornam possível. Todavia nem por isso nele se observam contradições ou incoerências. O A. mantém-se, ao longo de toda a obra, igual a si mesmo, como já acontece com outros dos seus livros. Os temas em que insiste não são novos: apenas encontram mais diversidade de aspectos ou mais ampla exemplificação: Deus, centro e motor de toda a criação, («Tu est le noeud essentiel d'actes diversés») — a inquietação do homem fora de Deus, por só n'Ele existir a razão da nossa vida — o sentido do empenhamento do homem na construção da «Citadelle». S.E. é, verdadeiramente, o «poeta da acção» — consciente da sua responsabilidade no mundo («pese sur mon coeur le poids du monde comme si j'en avais la charge»), plenamente aberto à reflexão sobre as coisas simples, à meditação do quotidiano, à contemplação da Beleza, do Amor, da Virtude. Em «Citadelle», é um são e alegre humanismo que ficamos devendo ao A. (M. M. S.).

GALLOIS, Soeur Geneviève, «La vie du petit Saint Placide», Desclée de Brouwer.

É um livro diferente de todos os que temos lido. Através de uma série de 104 desenhos toscos e comentados com legendas simples, Mère Geneviève, de um convento de Benedictinas, conta-nos a história do «Petit Saint Placide», esse que só soube dizer «oui... oui» e cujo coração virgem, que desde a sua entrada no mosteiro «fut tout entier aspiré comme par une siphon», mergulha na amizade de Deus. O simbolismo das imagens diz-nos mais que um compacto volume de teologia, porque nos faz captar, no paradoxo da sua tremenda e ingénua limpidez, o mistério de Deus, o segredo puro e profundo da santidade. A todos impressiona este livro. Não porque levante complicados problemas intelectuais. Mas porque nos faz interrogar sobre o espírito de infância com que vivemos o Amor. (M. Emilia Lobo Alves).

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, «Vol de Nuit», pref. de André Gide, ed. Gallimard, 540ª ed. 31\$. Livre de Poche 15\$; ed. port: 15\$.

3 personagens principais: o chefe Rivière (que tem de sustentar a luta pela velocidade na C.N.A.); o piloto Fabien (talvez o auto-retrato do A.); a mulher de Fabien (Simone, a introduzir a nota humana dos que esperam em vão e ficam sós). Fabien é apanhado pela tempestade num voo nocturno e desaparece (também, mais tarde, o A. desapareceu com o seu aparelho). S.E. utiliza uma técnica especial na narração deste facto simples, mas carregado de valor trágicamente humano. Levamos tão depressa à terra (ao aconchego dos lares, à ansiedade dos chefes); como ao céu (dentro do aparelho, onde o piloto sente o apelo das luzes meigas da terra e das luzes fascinantes das estrelas, donde não há regresso). No meio desta tragédia, aparecem frases e situações cheias de simplicidade, ternura pelo homem — e até pelas coisas. O estilo é simples, claro, incisivo, cheio de poética delicadeza. (M.ª Aguiar Galhardo).

JIMENEZ, Juan Ramón, «Platero e eu», ed. Livros do Brasil.

«Platero e eu» é um verdadeiro poema em prosa escrito em louvor da beleza das coisas criadas. Com rara sensibilidade poética o A. comunica-nos a sua comovida ternura pelos animais, pelas crianças, pelos seres que o rodeiam, empregando uma linguagem simultaneamente rica e despojada de artificios literários. Pode lamentar-se a quase ausência do sentimento religioso; o livro mesmo nas suas limitadas dimensões humanas é uma obra enriquecedora. (M. Isabel Mendonça Soares).



ESCRIVA, José Maria, «Caminho», ed. Aster, 234 p. Prólogo de Urbano Duarte.

Escrito principalmente para adolescentes do meio intelectual, pode no entanto ser lido por pessoas de qualquer idade ou meio social. O estilo é espontâneo, leve, acessível, sem intelectualismos, conciso. A obra está dividida em 48 cap., curtos, cada um subordinado a um tema da vida do homem com Deus. As considerações são apresentadas em parágrafos numerados, formalmente soltos, mas ideologicamente ligados por um fio condutor. São como que as frases mais ricas de conteúdo que um director dissesse ou escrevesse a um adolescente-dirigendo. Mons. Escrivá fundou aos 26 anos, em 1928, o *Opus Dei*, Instituto Secular aprovado em 1950, para todas as classes sociais, especialmente para os intelectuais. (M.^a Aguiar Galhardo).

GUARDINI, Romano, «Le Dieu Vivant», edition Alsatia — Colmar. Paris.

A perspectiva em que Guardini se coloca na série de conferências que constituem este livro não é, como ele próprio o confessa, a do teólogo que desenvolve um sistema ou expõe uma série de princípios, mas a do cristão que fala das maravilhas do Pai. Por isso não é apenas à inteligência do leitor que ele se dirige. É sobretudo à sua experiência pessoal mais íntima, para o fazer descobrir a presença do «Deus vivo», que se manifesta através dos acontecimentos mais insignificantes da vida de cada um. Isto é particularmente verdade para os capítulos «La Providence», «Dieu voit», «La Patience de Dieu», em que, com toda a clareza e profundidade que caracterizam o A., o mistério da aliança entre a transcendência e a «proximidade» de Deus é apresentado como realidade vital, princípio que penetra todas as esferas da vida do cristão. (T. S. C.).

GUARDINI, Romano, «A vida de fé», Col. Éfeso.

Um dos maiores males do nosso tempo é a ignorância ou o desprezo do mistério da vida cristã. Estas palavras, as primeiras que lemos no prólogo, dão-nos a medida do interesse e oportunidade da obra do A. A sua exposição clara e simples (sem ser superficial), traça-nos uma perspectiva renovada, senão nova, da Fé. Ao longo dos diversos capítulos, o A. analisa-a, não como mistério (apesar de ele estar sempre subentendido), mas como realidade vivida. Ela não é um sentimento religioso generalizado; aquele que crê compromete-se até ao fundo. Importa, pois, conhecer a essência da Fé, que só fica definida em relação ao seu conteúdo. A Fé, inseparável do seu conteúdo, não é mais que um movimento vivo em direcção Aquele em que cremos, que nos criou sem a nossa intervenção e que nos concede a graça da Fé; mas não basta olhar a fé do exterior; ela não é algo de psicologicamente fixo, antes um sentimento vivo em continuo devir, e, como tal, necessitando duma realização constante. (Marília Farinas de Almeida).

GUARDINI, Romano, «O espírito da Liturgia».

Nesta obra dá-nos o A. uma visão clara e precisa do que é a Liturgia e em que consiste o seu espírito. A Sagrada Liturgia é reveladora e portadora da realidade de Deus. Por divina virtude, representa (apresenta de novo) os mistérios da Salvação, que vêm até nós pelo rito litúrgico. O A. mostra-nos a maneira como a Liturgia torna real o que foi real, como actualiza o mistério de Cristo; n'ela, não há só finalidades práticas e não tem só por objecto imediato a formação dos fiéis, mas sim a glória e o serviço de Deus. Depois de analisar, com o A., as questões que se referem à expressão sensível da Liturgia (o simbolismo, a Liturgia considerada como um jogo, a seriedade da Liturgia), concluímos que a Sagrada Liturgia é, para nós, também, o grande instrumento de salvação. Um excelente livro para iniciarmos ou aprofundarmos a nossa formação litúrgica, elemento essencial de uma genuína vida cristã. (Marília Farinas de Almeida).



NAMORA, Fernando, «O Homem Disfarçado», editora Arcádia Lda., 1958.

É o resultado feliz de uma tentativa de penetração numa consciência de um homem dos nossos dias. Recorrendo ao processo de concentração da acção em 24 horas, o A. funde-se com o protagonista e dá-nos a possibilidade de captar, nos seus múltiplos aspectos, o binómio João Eduardo-homem, João Eduardo-médico em voga. Apanhado por um condicionalismo que o vence sem convencer, debate-se entre várias soluções possíveis, sem chegar a encontrar a solução certa. No momento final, em que o acto voluntário que o fará quebrar com o que está errado na sua vida, parece prestes a concretizar-se, o rumo tomado pelos acontecimentos muda bruscamente e o romance termina sem que J. E. consiga libertar-se do ultrapassar avassalador de factos e situações. Este fim, inesperado se tivermos apenas em conta a decisão de mudança que o protagonista a si próprio impõe, mas ajustado à nota de insatisfação e impotência que marca toda a obra, seria talvez um valor humanamente pouco construtivo, se não permanecesse no leitor um resto de esperança deixada pela figura do Medeiros, psicologicamente menos rico que J.E. mas moralmente mais sadio; concretiza um dos caminhos que o protagonista está ainda a tempo de alcançar; aparece a destruir a nota de inevitabilidade pessimista que as situações por vezes tomam e a afirmar que tudo poderia ter sido diferente. (Maria Idalina Pereira).

CINATTI, Rui, «O Livro do Nómada meu amigo», 1958

Poeta essencialista ou metafísico, como lhe chama Gaspar Simões, Rui Cinatti é, acima de tudo, o poeta que nos traz a mensagem dos «Cadernos de Poesia», aparecidos entre 1940-41. São precisamente dessa data os seus dois livros: «Nós não somos deste Mundo» e «Anoitecendo a Vida recomeça». De então para cá conserva-se em silêncio até que, muito modernamente, publica «O Livro do Nómada meu amigo». Evolução, encontramos-la sem dúvida. Embora perdesse a exigência da expressão, a fuga a uma facilidade de temas e de ritmos, o abandono de uma forma clássica de lirismo por demais convencional, a poesia de R.C. adquiriu agora maior profundidade e um sintetismo mais rico. As vezes uma simples alusão, dois ou três versos apenas, e a ideia aparece completa, densa, poética — e, no poema que segue, profundamente religiosa: «Dizer o como, o porquê/ Não posso./ Se me amas, concebes/ Deus em mim». (Maria Helena Mateus).



KAZANTZAKI, Nikos, «Liberdade ou Morte», estúdios Cor.

O interesse desta obra — que, tanto pela estrutura da acção que desenvolve como pelas características das personagens que nela vivem, ultrapassa os limites normais do romance para se aproximar da epopeia — parece-me consistir fundamentalmente na valorização de um determinado tipo de homem que o A. nos apresenta como único capaz de comportar toda a dignidade inerente à pessoa humana. Micael é o expoente máximo de todas as qualidades que fizeram grandes os seus antepassados: o amor à liberdade, a coragem, o respeito pelo compromisso, o autodomínio. Conquanto de um modo geral contidos no Cristianismo e, (em muitos casos), por ele canalizados para uma finalidade superior, estes valores podem no entanto surgir vazios de conteúdo cristão e ser até causa de atitudes vincadamente anti-cristãs. Paralelamente a duas ou três figuras que o A. estuda mais em profundidade, surgem nesta obra muitas outras cuja variedade psicológica e moral permite uma reconstrução viva do que era no século passado a ilha de Creta, onde Cristãos e turcos se odiavam e combatiam e onde, a par com as mais baixas paixões, conviviam os mais altos ideais. (Maria Idalina Pereira).

FREIRE, Natália, «Anel de sete pedras»

Pode falar-se de uma influência de Pessanha neste livro de N.F. que marca a fase mais adiantada da sua evolução poética. Depois do lirismo fácil e românticamente confessional de «Sonho» e de «Meu Caminho de Luz», passando pela «Estrada» que representa uma transição e onde já se reconhece mais libertação e maior maleabilidade formal; depois de «Horizonte Fechado» e de «Rio Infundável» — em que N.F. é, fundamentalmente, a poetisa dos sonhos ilimitados, dos silêncios e da insatisfação — «Anel de sete pedras» surge-nos renovado na temática e na forma, mais estável, mais firme e mais experienciado. São poucos os motivos glosados, mas grande a variedade de ritmos, tons, atitudes. Profundamente feminina, a personalidade de N.F. está ocupada de continuo no estudo do seu próprio eu e da contradição do binómio poeta-mulher que sente dentro de si.

«Vida e campo de agonia/ dou-te um presente real/ Cinza na noite e no dia/ e só poderás fugir/ da minha cruz desleal/ quando Deus fizer de ti/ Outra linha horizontal». (Maria Helena Mateus).